

# LIÇÕES DA PANDEMIA A PARTIR DO CONCEITO DE AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

## PANDEMIC LESSONS FROM PAULO FREIRE'S CONCEPT OF AUTONOMY

Terezinha Richartz 1<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Doutora em Ciências Sociais. Professora do Grupo Unis, Rua Venezuela, 160, Vila Pinto, Varginha, MG, CEP: 37010-530, E-mail: terezinha.richartz@professor.unis.edu.br, ORCID: 0000-0002-8872-1210*

### Resumo

Devido à pandemia do Coronavírus, o ensino à distância é uma realidade que traz reflexões acerca da aprendizagem em si. Diante disso, objetiva-se analisar a educação na modalidade remota, implantada pelo governo do Estado de Minas Gerais; quando, então, pondera-se a autonomia do corpo discente com base nessa metodologia inovadora. Nesse sentido, a metodologia utilizada será a análise do documento oficial que detalha a proposta governamental, além de algumas reportagens exibidas em jornais on-line e nos meios televisivos, no período de maio do ano de 2020 a março de 2021. Nessa perspectiva, resultados apontam que a maioria dos alunos se encontram em situação de heteronomia por apresentarem dificuldades quanto à apropriação do conhecimento; e, ainda, deve-se atentar para a questão do processo de aprendizagem superficial e massificador. Sendo, pois, todos esses aspectos que, de certa forma, dificultam o comprometimento político para com a comunidade em busca de uma práxis transformadora.

Palavras chave: Paulo Freire. Autonomia. Ensino remoto. Pandemia.

### Abstract

*Due to the Coronavirus pandemic, distance learning is a reality that brings reflections about the learning itself. Therefore, the objective is to analyze the education in the remote modality, implemented by the government of the State of Minas Gerais; when, then, the autonomy of the student body is pondered based on this innovative methodology. In this sense, the methodology used will be the analysis of the official document that details the government proposal, in addition to some reports shown in online newspapers and television media, in the period from May 2020 to March 2021. In this perspective, the results indicate that most students are in a situation of heteronomy because they present difficulties regarding the appropriation of knowledge; and, also, it is important to pay attention to the issue of the superficial and massifying learning process. Therefore, all these aspects make it difficult, in a certain way, to make a political commitment to the community in search of a transforming praxis.*

*Key words: Paulo Freire. Autonomy. Remote teaching. Pandemic.*

---

©ACINNET NETWORK. All rights reserved.

How to cite this article:

RICHARTZ, Terezinha. LIÇÕES DA PANDEMIA A PARTIR DO CONCEITO DE AUTONOMIA DE PAULO FREIRE. **ACINNET Journal**, Varginha, MG, v. 7, p. 91 - 100, 2021. ISSN 2763-7395  
Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/index.php/acinnet/index>.

## **1 INTRODUÇÃO**

O distanciamento social, juntamente com a falta de aulas presenciais, trouxe muitos dilemas à vida acadêmica do corpo discente, porém, a partir da proposta do governo do Estado de Minas Gerais e de falas colhidas e exibidas pelos meios de comunicação sobre a experiência do educando, é possível fazer breves considerações.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Minas Gerais em 2013 é de 0,731 – escore considerado alto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), que realiza a pesquisa. Mas, ao verificar os municípios mineiros, este índice varia de 0,529 a 0,813 (Marques et al., 2014), mostrando as disparidades regionais que refletem também sobre o quesito educação. Assim, acredita-se que para constatar os dilemas do Estado de Minas Gerais, grande em extensão territorial com realidades econômicas e financeiras bem distintas entre os municípios, é possível levantar algumas hipóteses em relação ao processo de ensino/aprendizagem, que serão discutidas no presente artigo no que tange a não se ter acesso à tecnologia, bem como, ao seu deslumbramento e como meio para se levar à autonomia do aluno.

## **2 Modalidade remota em minas gerais: rede pública estadual**

Em um primeiro momento, a presente pesquisa abordará sobre o funcionamento das aulas na modalidade remota para os alunos da rede estadual do Estado de Minas Gerais. O governo, por sua vez, criou o site “Estude em Casa”, onde existem todas as orientações e materiais disponibilizados pelo “Regime de Estudo não Presencial”, em conformidade com as diretrizes propostas pelo “Comitê Extraordinário Covid-19”.

De acordo com a Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais, o material foi elaborado por ano de escolaridade, considerando o “Currículo Referência de Minas Gerais” (CRMG) e a “Base Nacional Comum Curricular” (BNCC). Quanto ao “Regime de Estudo não Presencial”, foi estruturado usando os seguintes recursos:

1) O programa de TV “Se Liga na Educação” está sendo exibido pela Rede Minas, de segunda a sexta-feira. As teleaulas vão priorizar os conteúdos que os alunos têm mais dificuldade. Uma hora da programação será transmitida ao vivo, permitindo que os estudantes possam interagir e tirar dúvidas; após isso, essas aulas continuam disponíveis no “Youtube” da Rede Minas, no site da Secretaria Estadual de Educação e no aplicativo

2) O aplicativo Conexão Escola: Plataforma para fazer downloads no “Google Play Store”. Toda a navegação no app é custeada pelo Governo de Minas, sem a necessidade de uso do pacote de dados dos estudantes. A ferramenta vai reunir o

Planos de Estudos Tutorados (PET), o programa de TV “Se Liga na Educação” e os materiais utilizados nas teleaulas. (Minas Gerais, 2020).

3) Em 2021 começou a ser utilizada a ferramenta “Google Sala de Aula”, que permite a interação entre alunos e professores por vídeo. Também será oferecido reforço escolar para os estudantes que tiveram mais dificuldade no ano de 2020.

Depois de apresentar o funcionamento da plataforma, será abordado o conceito de autonomia pelo educador Paulo Freire, para a iluminar a discussão.

### **3 Freire e a educação que leva à autonomia**

A base conceitual freiriana será mesclada em todo o texto, mas para traçar um fio condutor é importante conceituar autonomia antes de adentrar as hipóteses, já que a formação de sujeitos autônomos é desafiadora, porque leva a pensar enquanto educadores, os caminhos adotados pelas instituições de ensino para superar as práticas heterônomas.

Para Freire “A autonomia, enquanto amadurecimento do “ser para si”, é processo, é vir a ser. [...]. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade” (Freire, 1996, p. 107). Neste sentido, para construir um “ser para si” é necessário criar intrinsecamente a capacidade de iniciativa, a criatividade para dar respostas aos questionamentos e necessidades impostas pelo mundo em pandemia. A responsabilidade diante das decisões tomadas deve levar em consideração o outro, visto que os indivíduos são seres sociais e políticos.

Nesse prisma, a ética é fundante da autonomia e assim, o processo de ensino/aprendizagem deve possibilitar a construção de condições para todos poderem ser “seres para si”.

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...]. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (Freire, 1996, p. 55).

Seguindo esse raciocínio, a autonomia está relacionada com a libertação, com a possibilidade de escolhas conscientes do que é melhor para si e para sua comunidade. Já a heteronomia é a condição de um indivíduo ou grupo social que se encontra em situação de opressão, de alienação, situação em que se é “ser para outro” (Zatti, 2007, p. 38). Este tipo de educação, também chamada por Freire (1983), de educação bancária, prima pela repetição, pelos processos que não levam à problematização da realidade; são alunos passivos que memorizam e repetem. Na concepção ‘bancária’ da educação, a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os conteúdos para depósito, guardá-los e arquivá-los. E para superar essa educação bancária, é preciso uma educação dialógica que vai levar a práxis social transformadora. Desse modo, após o conceito de autonomia,

discutir-se-á sobre as hipóteses elencadas em relação à educação oferecida nas escolas públicas estaduais do Estado de Minas Gerais.

### **3.1 Não ter acesso à tecnologia ou acessá-la de forma parcial ou precária**

Sabe-se que parte da população brasileira não possui microcomputador com acesso à internet em casa; segundo dados coletados pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (2020), verifica-se que 134 milhões acessam a internet, o que significa que um quarto dos brasileiros são excluídos digitalmente. Nesse sentido, a realidade da população mineira não é diferente, já que, conforme informações do IBGE “54% das famílias mineiras não possuem computador e 24,7% não têm acesso à internet. Dentre os 853 municípios de Minas Gerais, a Rede Minas está presente em apenas 200”. (Menta, 2020, p. 2). Como a Rede Minas é um canal televisivo usado para transmitir as aulas da rede estadual, aproximadamente um quarto da população tem acesso a esse veículo, não podendo os demais, usufruírem dessa ferramenta utilizada para mediar a aprendizagem.

Quanto à internet, a maioria acessa o conteúdo pelo smartphone – uma realidade que permite aos mineiros assistirem às aulas. Nesse caso, a necessidade de usar os dispositivos móveis impacta a qualidade dos acessos, já que esta modalidade possui franquias com dados limitados, o que diminui a quantidade de serviços que podem ser utilizados ao longo do mês. (Valente, 2020). Assim, de acordo com Zatti “a educação deve proporcionar contextos formativos que sejam adequados para que os educandos possam se fazer autônomos.” (Zatti, 2007, p. 53).

Diante da falta de acesso aos meios tecnológicos, imprescindível neste momento de distanciamento social, pode-se afirmar que os contextos educativos não são inclusivos, já que parte dos discentes não têm acesso a todas as possibilidades planejadas e disponibilizadas pelo governo estadual. E para os que têm acesso à internet, as dificuldades são grandes nesse contexto, seguem alguns relatos colhidos em reportagens de jornal, que apontam para esse problema: “Pelo volume de acessos, o site da Rede Minas apresenta instabilidade e falha na transmissão dos conteúdos”. (Adler & Emiliana, 2020).

Quanto às dificuldades relatadas por pais e alunos encontram-se: ausência de acesso à internet, falta recursos para recarregar dados móveis, celulares velhos que não rodam aplicativos, um celular para mais de um filho, não ter impressora em casa para imprimir material, falta de orientação e informações sobre o programa de Educação de Minas Gerais, problemas de instabilidade na plataforma e por último, falta de espaço em casa para todos os filhos estudarem. (Menta, 2020).

Para Freire (1996), ouvir o outro é essencial; sem isso, o processo educativo de construção da autonomia fica comprometido, sendo importante que os educandos aprendam a fazer o uso responsável da palavra, que aprendam a falar autonomamente. Neste momento, o que se observa é um processo silencioso, já que ferramentas disponibilizadas pela Secretaria da Educação se resumem, basicamente, em escutar e realizar atividades solitárias, devolver exercícios na unidade escolar para correção, sem interagir com os colegas e professores.

Além de falar e ouvir, a autonomia discente fica comprometida pela falta de envolvimento político e ético. “A educação promotora da autonomia é a que promove a formação da totalidade do humano, o que além da capacitação técnico-científica, envolve formação política, ética e estética”. (Zatti, 2007, p. 78) Assim, em meio aos desafios impostos pela pandemia, o que se percebe é falta de comprometimento político e ético de parte da população, que não se preocupa com a saúde e a vida dos outros. A satisfação pessoal, como: sair de casa e festejar com aglomerações, é colocada por muitos como mais importante, do que o cuidado com o outro. Nesse patamar, faz-se necessário questionar o tipo de educação ofertada, além das atitudes de muitos mineiros, já com altos índices de contaminação pelo coronavírus. Em verdade, a educação prima pelo individualismo sem considerar os dilemas da pandemia. “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983, p. 79).

A realidade mundial hoje é permeada pelos dilemas do Coronavírus; se a educação se pautar apenas por conteúdos curriculares, sem que haja reflexão sobre a postura política e ética de cada um, estará falhando no desenvolvimento de cidadãos conscientes de seu papel como sujeitos promotores de uma sociedade mais comprometida com os desafios de cada período. Por isso, a proposta freireana é essencialmente dialógica. Para Freire, os elementos constitutivos do diálogo são ação e reflexão. “Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (Freire, 1983, p. 91). Logo, o diálogo implica na transformação do mundo.

Em um momento, em que os alunos vivenciam experiências de morte, desemprego na família, provocados pela pandemia; como esses desafios são abordados quando às aulas que são disponibilizadas com ferramentas que dificultam o diálogo e a busca conjunta de soluções?

Em se tratando de tecnologia, para superar os desafios da inclusão digital, é necessário diminuir a disparidade entre os mais ricos e os mais pobres, e neste quesito, o acesso aos dispositivos digitais é imprescindível para preparar os menos favorecidos para os desafios de uma sociedade digital que exige competência tecnológica; e de fato, a maioria dos postos de trabalho, já cobra o mínimo de conhecimento nessa área.

### **3.2 Deslumbramento com a tecnologia com fim na própria ferramenta**

Parte da população possui microcomputador, smartphone e televisão. Mas esses discentes também relatam dificuldades em poder realizar as atividades e aprender o conteúdo oferecido.

Sabe-se que, apenas a tecnologia não leva a produção de conhecimento, importa que o aluno se aproprie do saber; os ambientes virtuais são ferramentas que facilitam a chegada desse conhecimento ao aluno. Desse modo, o que está em análise é o tipo de formação que esses alunos recebem, para de fato, aprenderem independentemente de aulas estarem no espaço físico ou remoto. O que se questionava antes era se as aulas, muitas vezes chatas, com carteiras enfileiradas, com uma metodologia arcaica, dificultavam a aprendizagem dos alunos, que hoje, tem ao seu dispor, uma infinidade de outras possibilidades, especialmente as mediadas pela tecnologia para facilitar essa dada aprendizagem. Com isso, o que se considera é que a tecnologia pela tecnologia, não leva à aprendizagem. E nesse

prisma, seguem depoimentos coletados das reportagens: A mãe relata que a filha está acostumada às mídias sociais, mas quando as aulas se apresentaram em formato digital, a menina não se sentiu atraída pela dinâmica pouco interativa. As atividades, não prendiam a atenção dela e ela fazia “corpo mole” e isso gera estresse, pois a gente quer que execute a tarefa, para não haver acúmulo de conteúdo. (Cruz, 2020); alunos pedindo para serem reprovados porque 2020 foi um ano perdido, alegando não estarem entendendo o conteúdo sob a utilização da plataforma do EAD; “o governo joga atividades para nós e pede para fazermos”. (Gagnani, 2020, p. 5).

Esses alunos não estão apresentando dificuldades no acesso às tecnologias, mas questionam a aprendizagem pela falta de metodologia adequada para o ensino remoto, falta de motivação ou de competência para entender o que está sendo solicitado.

O que pode ser observado a partir de dados da International Telecommunication Union (ITU), no ranking de inclusão digital, é que o Brasil ocupou, em 2014, a 61ª posição;

A análise da ITU – Internacional Communication Union – demonstra que o Brasil está melhorando em termos de acesso e infraestrutura, porém, quanto às habilidades, o país apresenta declínio; se em 2012 mostrava-se na 72ª. posição, em 2014, evidencia-se na 81ª. (Prioste & Raiça, 2017, p. 862). Essa queda do indicador que mede habilidades está relacionada à baixa qualidade na educação, incluindo referências de taxas de analfabetismo da população. Em síntese, se de um lado, o Brasil tem avançado significativamente em termos de acessibilidade às TIC, de outro, há dúvidas no que tange à inclusão digital efetiva e transformadora da realidade social. (CDC, 2017).

A partir desta perspectiva, não é suficiente o acesso à tecnologia, devendo essa, funcionar como uma mediação importante, mas o que se vislumbra é a aprendizagem e a produção do conhecimento. Logo, a tecnologia aparece como meio no processo formativo porque o : “O homem não nasce homem, ele se forma homem pela educação. Por isso, educação é formação.” (Zatti, 2007, p. 53); e sem uma formação escolar consistente, os usos das TIC voltam-se, sobretudo, ao consumo e ao entretenimento.

A maior parte dos jovens utilizam a internet apenas para jogar, assistir a vídeos, interagir nas redes sociais e em websites de pornografia; de um modo geral, eles não conseguem realizar pesquisas mais complexas sobre conteúdos educacionais ou criar um blog de maneira autônoma, pois apresentam limitações na alfabetização. (Prioste & Raiça, 2017, p. 868).

### **3.3 Tecnologia como meio: a educação para a autonomia**

A educação deve contribuir para que todos o corpo discente, consequentemente, os cidadãos, possam chegar a autonomia.

A pesquisa nos jornais não foi exaustiva, mas não foi encontrada nenhuma reportagem que apontasse para a educação que leve à autonomia, porém, existem algumas nuances que podem contribuir à luz da reflexão.

"Em todo 2020, tive 4 dias de aulas, e olhe lá. [No ensino à distância, são] vinte minutos de aula por dia, sendo que na escola eu tenho 40 minutos [cada aula] e 5 aulas por dia. Não dá para repor. É só colocar na balança (...). Eu sou privilegiada, tenho acesso a TV e internet., mas tenho colegas que não têm acesso à televisão, imagina à internet."

Ao contrário do que muitas vezes é afirmado, que o aluno não quer ter aula, a reportagem mostra o aluno reclamando de só ter uma aula de 20 minutos por dia. A importância do professor no processo educativo também é destacada: "nas aulas presenciais, a gente tinha atenção do professor em si, ele estava lá, explicava matéria. No EAD, não são todos os professores que têm contato com os alunos", reclama.

A relevância do docente é destacada. Ele é importante na mediação do conhecimento. Para Freire (1996), o professor deve ouvir, sentir, olhar o que cada educando apresenta para poder articular os saberes necessários à prática educativa. Para aprender é preciso construir, reconstruir, constatar para mudar. Neste sentido a curiosidade deve ser aguçada para provocar conhecimento.

Marcelo diz estar fazendo o que pode, assistindo às videoaulas e fazendo as atividades dadas no dia, "e é muito difícil". Mas, já sabe que quer reprovar e refazer o ano novamente. Existe uma aula de 20 minutos na televisão, só que é a mesma coisa que nada, não dá tempo de introduzir a matéria. Distribuem atividades, mas não conseguimos fazer, porque não temos auxílio", diz. "Não consigo aprender sozinha, preciso de um professor auxiliando. Para mim, é extremamente difícil."

Como a interação entre os professores e alunos é pequena, a articulação entre os conteúdos curriculares com a vida dos discentes é baixa ou inexistente, e quando o conteúdo não é significativo a motivação para aprender é mínima. Por isso que Freire (1996), defende que o professor deve demonstrar a relação entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. Ainda acrescenta que educar é substantivamente formar, por esse motivo o ensino dos conteúdos não pode se dar alheio à formação moral e estética do educando. Um ensino tecnicista, que visa apenas o treinamento, diminui o que há de fundamentalmente humano na educação: o seu caráter formador.

Como as aulas na modalidade remota foram colocadas em tempo recorde, sem nenhum tipo de amadurecimento prévio nascido de amplo debate, mas por necessidade de dar resposta governamental à crise sanitária, e com ela, a impossibilidade de aulas acontecerem de forma presencial, a comunidade não foi ouvida e as soluções apresentadas foram unilaterais.

As dificuldades tecnológicas são visíveis, mas o formato que as aulas estão sendo ministradas, prontas para cumprir apenas conteúdo curricular, descontextualizadas, já que o Estado de Minas Gerais é extenso e muito diverso para abarcar em uma aula transmitida para todo o território, a diversidade e os dilemas enfrentados pelos discentes. Em verdade, esse formato apresenta-se desinteressante, porque não permite discussão, debate e principalmente, que estimule a decisões e responsabilidades sobre o que é vital para cada grupo humano. Essas decisões maturadas com negociação, levam ao comprometimento de todos os indivíduos envolvidos e à autonomia.

Pelo exposto, para que a educação promova a autonomia, é essencial que ela seja dialógica, pois assim há espaço para que o educando seja sujeito, para que ele

mesmo assuma responsabilmente sua liberdade e, com a ajuda do educador, possa fazer-se em seu processo de formação.

#### **4 Considerações finais**

Pensar uma proposta educacional que solucione os contrastes de um estado com regiões ricas e outras pobres é um desafio, especialmente quando colocada em funcionamento num curto espaço de tempo, sem previa discussão com os sujeitos envolvidos. Assim, a análise aponta que o ensino na modalidade remota implantado pelo governo mineiro, é muito mais heterônoma do que autônoma. O processo educativo, apresenta desde a falta de acesso aos meios tecnológicos utilizados, para que o conteúdo chegue até os alunos, transformando-o em conhecimento e em postura política transformadora, até a ausência de motivação e envolvimento com o mesmo conteúdo trabalhado, já que a interação com os professores é nula ou pequena e os canais são pouco interativos, sendo disponibilizados da mesma forma para todo o estado, sem avaliar contrastes regionais; com isso, o processo de formação se transforma em massificação.

A falta de participação faz com que os dilemas dos discentes não sejam discutidos nas aulas, o que leva ao individualismo, à indiferença, ao sofrimento humano, à apatia política, e em decorrência, à falta de uma práxis transformadora.

Por conseguinte, importa ressaltar sobre a importância da tecnologia, sobretudo, nesse momento pandêmico para que o conteúdo chegue até os alunos, porém, se o indivíduo não tiver desenvolvido internamente as condições para a produção do conhecimento, a tecnologia não vai ajudar. O discente pode ficar o dia inteiro diante do celular, do tablet, do computador, mas não vai aprender e não vai produzir conhecimento e muito menos desenvolver uma práxis transformadora, se não tiver as condições internas para a autonomia desenvolvida. A educação que leva à autonomia, desenvolve discentes críticos conscientes e ativos, aptos a tomarem decisões importantes para si e sua comunidade, que se responsabiliza pelas consequências de seus atos.

#### **REFERÊNCIAS**

Adler, M., Emiliana, C. (2020, 18 de maio). Primeiro dia de aulas remotas em MG tem instabilidade e bagunça on-line. Estado de Minas Gerais Educação. [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/18/interna\\_gerais,1148394/primeiro-dia-de-aulas-remotas-em-mg-tem-instabilidade-bagunca-on-line.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/18/interna_gerais,1148394/primeiro-dia-de-aulas-remotas-em-mg-tem-instabilidade-bagunca-on-line.shtml)

Agência Minas (2021). Educação anuncia início do ano escolar 2021 e investimentos de R\$ 350 milhões. <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/educacao-anuncia-inicio-do-ano-escolar-2021-e-investimentos-de-r-350-milhoes>

Agência Minas. (2020). Secretária de Educação detalha Regime de Estudo não Presencial na rede estadual de ensino. <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/secretaria-de-educacao-detalha-regime-de-estudo-nao-presencial-na-rede-estadual-de-ensino>

Araújo, A. (2020, 17 de dezembro). Sem previsão de volta das aulas presenciais, sistema remoto continua em 2021, diz governo. G1. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/12/17/sem-previsao-de-volta-das-aulas-presenciais-sistema-remoto-continua-em-2021-diz-governo.ghtml>.

BBC. (2020). Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender' de verdade em 2021. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/10/coronavirus-alunos-da-rede-publica-planejam-reprovar-de-proposito-para-aprender-de-verdade-em-2021.ghtml>

Bom dia Minas. (2020). Aulas da rede estadual de ensino são retomadas nesta 2ª feira, em MG: pela internet e pela TV. G1. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/18/aulas-da-rede-estadual-de-ensino-sao-retomadas-nesta-2a-feira-em-mg-pela-internet-e-pela-tv.ghtml>

Cruz, M. M. (2020, 12 de julho). Entre solução e pesadelo na pandemia, ensino remoto ainda é desafio. Estado de Minas Gerais Educação. [https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2020/07/12/internas\\_educacao,1166060/entre-solucao-e-pesadelo-na-pandemia-ensino-remoto-ainda-e-desafio.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2020/07/12/internas_educacao,1166060/entre-solucao-e-pesadelo-na-pandemia-ensino-remoto-ainda-e-desafio.shtml).

Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido*. (12. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra.

Gragnani, J. (2021). Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para 'aprender de verdade' em 2021. BBC News Brasil em Londres. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53655833>

Marques, L., Lima, L., Minoves, A. S., Senna, G., Gonçalves, T., Amaral, R., Melo, R., Pelinson, J., Alves, N., Fernando, L., Marçal, F., Sangi, L., Rabelo, M., Andrade, S., Gomes, L., Gonçalves, J., Sorice, G., Flávia, L., Mazzeiro, N., Nunes, ... Edwiges, L. (2014). IDHM dos municípios de MG. Labcon - Laboratório de conexões intermediáticas nucon. <http://labcon.fafich.ufmg.br/idh-m-dos-municipios-de-mg>

Menta, M. (2020). Alunos e professores relatam dificuldades no ensino à distância em Minas Gerais. Brasil de Fato. <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/06/23/alunos-e-professores-relatam-dificuldades-no-ensino-a-distancia-em-minas-gerais>.

Prioste, C., Raíça, D. (2017). Inclusão digital e os principais desafios educacionais brasileiros. RPGE – Revista on-line de Política e Gestão Educacional, 21(1), 860-80.

Richartz, T. (2020). Educação inclusiva: perspectivas disruptivas em tempo de pandemia. VI Congresso Internacional do Grupo Unis - I International Conference U.experience. <https://www.even3.com.br/anais/vci2020/255239-educacao-inclusiva--perspectivas-disruptivas-em-tempo-de-pandemia/>

Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019. (2020). Cetic.br. <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019>

Valente, J. (2000). Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. Agência Brasil – EBC – Empresa Brasil de Comunicação. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>.

Zatti, V. (2007). *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.